POETAS ESQUECIDOS

VASCO BENÍCIO

Entre os homens de letras do Ceará, não é admissível venha a cair no olvido o poeta Vasco Benício de Castelo Branco.

Foi privilegiado de talento exuberante e de graciosa espontaneidade lírica.



Nasceu em Baturité, a 9 de janeiro de 1889. Faleceu em Quixeramobim, a 11 de setembro de 1918, em plena e radiosa mocidade.

Casado com D. Edite Rabelo de Castelo Branco, deixou um filho único, Carlos Danilo de Castelo Branco, engenheiro civil do corpo técnico da Rêde de Viação Cearense.

Como Castro Alves, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, caiu ceifado pela morte, na primavera da existência. Legou ao nosso patrimônio cultural versos de fina contextura e enternecido sentimento romântico.

Estudou, bem cedo, em cursos particulares, os rudimentos humanísticos e se abeberou na fonte de Castália dos mestres da Poesia Brasileira.

Em 1904, acompanhado de Rubens Taumaturgo, lançou, em Baturité, o jornal "O Paladino". Nêle se encontram os seus primeiros ensaios poéticos.

Mais tarde, deu à publicidade novo periódico — "O Quixeramobim", órgão literário e noticioso, em que colaboraram elementos destacados daquela cidade sertaneja.

Aos 17 anos, publicou "Harpejos", seu livro de estréia, editado na Tipografia Minerva, de Assis Bezerra. Prefaciou-o a escritora conterrânea, D. Francisca Clotilde.

Ficou ressaltado, na aludida apresentação, o brilho precoce dêsse enamorado das Musas, que tão alvissareiramente ingressara no cenário das justas do Pensamento.

Em suas estrofes faiscavam claridades de sol e havia doçuras inspiradas nos encantos da natureza.

Teve a vocação de externar as emoções íntimas com nitidez comovedora e cantar num vivo enlêvo as belezas da vida.

O segundo volume das poesias de Vasco Benício — "No Outono" — apareceu em 1912, impresso na Tipografia Chantecler. Eram composições que revelavam esperanças de um futuro promissor.

Afonso Celso, com a sua autoridade de primoroso artista, referindo-se ao livro do jovem aedo cearense, disse que aquela seara florejante predizia uma ascensão para o renome.

Realmente, já em "Harpejos" divisam-se fulgores, mais tarde plenamente vislumbrados nas páginas de "No Outono".

Para documentação citemos a seguir o sonêto, escrito aos dezeseis anos, intitulado — "Em Genebra".

Repara as águas, Níssia, dêste lago,
Onde a lua se mira, embevecida...
Contêm a mesma côr e o mesmo afago
Dos claros olhos teus que me dão vida!

Olha que cisne branco, à flor do mago
Espelho de Genebra adormecida!
Tem êsse imenso alvor e o róseo vago
Da meiga face tua enlanguescida...

E a tôsca pedra amiga em que, sentados,
Estamos contemplando a noite e os prados,
Tem dos cabelos teus a escura côr.

Ouves, ao longe, os doces murmurios
Do Ródano, cortando os vales frios?...
É o riso... é o canto do teu lábio em flor!

Palpita aí um toque de deliciosa simplicidade onde se distinguem fortes traços de um autêntico poeta.

Em seu último livro — "No Outono" — multiplicam-se os lavôres de um esteta de alta sensibilidade humana.

Vejamos, para exemplo, o quatorzeto, incluído entre "Versos de Outrora":

Não sei, mas acho que já te esqueceste
Daquela fresca margarida branca
Que, num dia de luz serena e franca,
Rubra de pejo, trêmula me deste.

Pois bem, trazia-a sempre sôbre êste
Coração que por ti da lira arranca
Versos e mais versos, e tôda mágoa estanca,
Quando me envolves neste olhar celeste.

Até que um dia (não te zangues...) olha
Furtaram-m'a do peito... Mas na fôlha
Branca desta alma, dêste amor que trancas,

Vive... E se vive, quanto mais, Formosa,
Tu que m'a deste e que és a mais preciosa
De tôdas essas margaridas brancas!

Há para escolher, nesse rico celeiro, magníficas produções que recomendam o autor à admiração imperecível dos cultores da excelsa Arte.

O sonêto "Mãe" é, no gênero afetivo, digno de figurar entre os melhores da antologia nacional.

Quantos outros poderiam ser, igualmente, apontados, para exaltação dos méritos do poeta!

Terminamos, aqui, a amostra colhida nos dois volumes das poesias de Vasco Benício.

Queremos transcrever, agora, um sonêto não incluído nos livros do saudoso luminar do nosso Parnaso. Denomina-se "Poema de Amor". Ei-lo:

Doce flor de luar, que, à noite, desabrocha
Sob o esplendor do céu, às carícias da lua,
És a augusta Vestal, junto à sagrada tocha
Do palácio de Numa, onde o sonho flutua...

Do escuro pedestal do altar, feito na rocha
Escondida da sua alma, alguém ama e cultua
A tua sombra pura, ó flor, que desabrocha
Sob o esplendor do céu, às carícias da lua...

Celeste o teu olhar... E é celeste o sorriso
Que, de raro, te enflora a corola vermelha
Dessa bôca de amor — excelso paraíso.

Doce flor de luar — pelo aroma traída! —
Alma ardente te vai, em forma de uma abelha,
Sem que sintas jamais, sempre despercebida...

Versos, de tão delicada emoção, sirvam como feixe de ouro a esta homenagem a um bardo, cuja memória se perpetuará na lembrança de quantos apreciam e enaltecem as refulgências da nossa vida mental!

•

Andrade Furtado